

AMBIENTE MUSEOLÓGICO: QUESTÕES DE INTEGRAÇÃO DEPARTAMENTAL¹

Emails:
gdmaimone@usp.br

Giovana Deliberali Maimone

Resumo

Arquivo, Museu e Biblioteca são conceituados e contextualizados a partir de seus acervos para adentrar-se às questões de integração, de trabalho conjunto dos profissionais e de interoperabilidade dos sistemas informacionais, respeitando-se, porém, as especificidades de cada local. A possibilidade de integração beneficia os profissionais dos três departamentos que trabalham com informações, pela possibilidade de permuta informacional assim como os usuários que encontram os materiais tratados de modo mais completo. O notório avanço em eventos científicos (congressos, simpósios, etc.) que congregam as três áreas, ou pelo menos duas delas, permitem o trânsito de ideias, a circulação de informações e possibilitam a aproximação destes setores/áreas. Os sistemas de recuperação de informação devem fornecer informações integradas dos três departamentos, de acordo com instrumentos específicos de inserção informacional a partir da especificidade dos materiais. Todo o ambiente museológico é beneficiado pela integração de seu acervo e de seus profissionais.

Palavras-chave: Arquivo. Museu. Biblioteca. Integração Departamental.

Abstract

Archive, Museum and Library are conceptualized and contextualized from their collections to enter the issues of integration, joint work of professionals and interoperability of information systems, respecting, however, the specifics of each location. The possibility of integration benefits the professionals of the three departments that work with information, for the possibility of information exchange as well as the users who find the materials more fully treated. The notorious advance in scientific events (congresses, symposia, etc.) that congregate the three areas, or at least two of them, allow the transit of ideas, the circulation of information and allow the approximation of these sectors/areas. Information retrieval systems should provide integrated information from the three departments, according to specific tools of information insertion from the specificity of the materials. The whole museological environment is benefited by the integration of its collection and its professionals.

Keywords: Archive. Museum. Library. Departmental Integration.

INTRODUÇÃO

Cada departamento do museu² trabalha com tipos diferentes de materiais que pressupõem usos diversificados e, por esse motivo, suas atividades de organização informacional são também variadas. O museu, em relação ao acervo expositivo, por exemplo,

¹ Este trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), e é referente ao processo número 2014/06697-6, sendo que foi desenvolvido junto à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo durante os anos de 2014 a 2016.

² Para este trabalho são considerados departamentos do museu: a biblioteca, o arquivo e o próprio espaço museológico.

tem suas preocupações pautadas mais na apresentação das obras do que no conteúdo informacional das mesmas, objetivo maior da biblioteca. E o arquivo, como traz informação referencial e da trajetória das obras, servem de fonte para pesquisa histórica e trabalho interno de organização de exposições e/ou empréstimo de obras entre museus. Embora existam muitas outras diferenças, estas são algumas das mais relevantes para o tema aqui tratado. No contexto virtual, porém, tais informações podem ser visualizadas de modo integrado (em sistemas de recuperação de informação) que podem possibilitar pesquisas mais completas.

É fundamental ressaltar que as diferenças de acervos dos departamentos refletem no modo de organização da informação conforme explicita Smit (1999-2000, p. 6):

O princípio norteador da organização dos documentos é igualmente variado, uma vez que na biblioteca o critério do assunto predomina, enquanto que nos arquivos o critério é o da estrutura organizacional da instituição, acoplado à função administrativa exercida pelos documentos, e nos museus depara-se com critérios bastante variados: suportes, funções, períodos, etc.

Com acervos diversificados e as relações humanas (entre profissionais dos departamentos), em muitos casos, deficientes, tal ambiente serve de base para averiguar possibilidades de integração ou não das atividades realizadas.

Institucionalmente, os conceitos de museu, arquivo e biblioteca, durante muito tempo se confundiram, não somente pela finalidade e forma física dos documentos, mas também porque compartilhavam o objetivo de: “funcionar como grandes depósitos de documentos”, produzidos pela humanidade (PAES, 2004). Muito embora tal objetivo seja essencial, os referidos departamentos possuem características que os diferenciam e identificam:

- Arquivo – é a acumulação ordenada dos *documentos*, em sua maioria *textuais*, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando à utilidade que poderão oferecer no futuro.
- Biblioteca – é o conjunto de *material*, em sua maioria *impresso*, disposto ordenadamente para estudo, pesquisa e consulta.
- Museu – é uma instituição de interesse público, criada com a finalidade de conservar, estudar e colocar à disposição do público conjuntos de *peças* e *objetos de valor cultural*. (PAES, 2004, p. 16, grifos da autora).

O ambiente de museu ao qual se refere este trabalho engloba esses três departamentos. Por este motivo, é fundamental que as informações estejam integradas para uma melhor coerência das atividades. Neste sentido, como o público é, ou deveria ser, o alvo principal destas instituições, pode-se mencionar que, de acordo com Desvallées e Mairesse (2013) existe uma “sociedade” para a qual os museus direcionam seus trabalhos:

A sociedade à qual se dirige o museu pode ser definida como uma comunidade de indivíduos, organizada (em um espaço e em um momento definidos) em torno de instituições políticas, econômicas, jurídicas e culturais comuns, entre as quais está o museu e com as quais ele constrói a sua atividade. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 89).

A coleção presente em cada museu influi diretamente em seu público e a constituição destes ambientes é pensada de modo a desconstruir uma noção (significado original da obra) a fim de reconstruí-la, sendo que as obras perdem seu sentido original para fazerem parte de uma contextualização previamente planejada, os objetos se transformam em *musealia*. Assim, a coleção no ambiente museológico pode ser definida como:

[...] um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar e que, com frequência, é comunicada a um público. Para se constituir uma verdadeira coleção, é necessário que esses agrupamentos de objetos formem um conjunto (relativamente) coerente e significativo. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 32).

A partir da coleção é possível dizer que a Ciência da Informação se integra ao museu trabalhando sob a ótica do tratamento da informação, independentemente do tipo de material que reúne, já que a documentação “trata” as obras, desde suas características descritivas, como autor, título, dimensões, ano (período) de produção, etc. até o levantamento de seu conteúdo, com o arrolamento de seus assuntos e elaboração de resumos documentários. Para esta segunda parte são necessários estudos particulares que devem apresentar os conceitos fundamentais da obra. Para uma padronização dos assuntos é necessário que a instituição possua, ou adquira um vocabulário controlado que permita melhor gerenciamento dos dados das coleções.

Salienta-se que cada departamento utiliza os campos informacionais que mais se relacionam com seus objetivos. Para as obras do museu, por exemplo, são relevantes as características físicas da obra, embora já se tenham estudos que comprovem a importância de sua contextualização histórica e temática para ampliação do leque de conhecimentos artísticos e para o estímulo de pesquisas. Já nos documentos da biblioteca, além dos elementos descritivos que permitem localização e individualização do material, a análise, síntese e representação de assuntos e seus respectivos produtos – índice e resumo – fazem parte da rotina documentária, uma vez que estes últimos servem de veículo de informação rápida para conhecimento dos principais temas dos documentos, além de influenciar na decisão da leitura integral ou não dos mesmos. Já os arquivos, neste aspecto, pautam suas atividades na contextualização dos documentos, tratando-os como séries documentais.

2 MUSEU, ARQUIVO E BIBLIOTECA

Museus, arquivos e bibliotecas possuem acervos, objetivos e princípios diversificados, fato que justifica seus modos de trabalho específicos. Neste sentido, é adequado caracterizá-los a fim de possibilitar a idealização/realização de projetos integrados de informação.

Os museus (espaço museológico), de modo geral, tentam transmitir cultura por meio da comunicação visual, também chamada de museal a qual se define como a “partilha com os diferentes públicos, dos objetos que fazem parte da coleção, bem como das informações resultantes da pesquisa efetuada sobre esses objetos” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 36). Neste sentido, as atividades de tratamento documentário realizam-se em etapa anterior à disponibilização e acesso das obras.

As obras em si (pinturas, esculturas, desenhos, etc.) possuem uma linguagem particular, não verbal, nomeada de visual que pode, segundo Cameron (1968, p. 36) “se tornar uma linguagem audível ou tátil”. Correndo-se o risco de interpretações equivocadas, infere-se que uma obra de arte, tamanha sua expressão visual, possa impressionar o apreciador de tal forma que o mesmo possa ouvi-la ou tocá-la (mentalmente). De modo similar, é possível ainda interpretar esta passagem do texto de Cameron como a possibilidade de elaboração de outros documentos (sonoros ou táteis) para acesso e interpretação das referidas obras visuais, como a consecução de uma entrevista que tenha relação direta com a obra e/ou também o contato com objetos materiais que estabeleçam um diálogo com a mesma.

Ciente dessas especificidades, representar tal acervo se torna um desafio, que segundo Le-Coadic (2004) deve responder às seguintes questões:

1. pelas coleções de objetos e reservas técnicas (formação, desenvolvimento, classificação, conservação, uso por cientistas não-museólogos e exposições para o público);
2. pelo próprio museu como serviço organizado (regulamento, pessoal, contabilidade, locais, instalações);
3. e pelos visitantes, os usuários (deveres recíprocos do pessoal e do público, acesso às coleções). (LE COADIC, 2004, p. 14).

Assim sendo, a preocupação do presente trabalho circula entre o primeiro e o terceiro tópico, já que as atividades de tratamento informacional (1) são realizadas com a intenção de satisfazer as necessidades dos usuários (3). Assim, só é possível uma avaliação dos serviços a partir do *feedback* do público.

Conforme brevemente exposto na introdução, as obras do museu passam por um processo chamado de musealização, ou seja,

[...] a operação de extração física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal. O objeto, uma vez dentro do museu, assume o papel de evidência material ou imaterial do homem e do seu meio, e uma fonte de estudo e exibição, adquirindo, assim, uma realidade cultural específica (DESVALLÉES & MAIRRESSE, 2013, p. 57).

Um objeto de museu apresenta uma relação íntima com o sensível (fruição), experiência possível para qualquer indivíduo que tenha os sentidos, ou pelos menos, alguns deles, dentro da normalidade humana. Não necessita do domínio do código linguístico verbal, imprescindível para documentos impressos (biblioteca e arquivo). Portanto, o acesso às obras depende, neste último caso, do reconhecimento do código verbal, necessidade que pode limitar o número de usuários e conseqüentemente a apropriação intelectual dos documentos presentes nos arquivos e nas bibliotecas.

Do exposto, o que, de fato, interessa à organização de informações artísticas é sua efetiva comunicação que, para ser satisfatória, deve prescindir de uma representação fidedigna e objetiva dos materiais. Neste caso, os sistemas informacionais, prioritariamente os de países pouco desenvolvidos na área de tratamento físico e temático da informação artística, são

alimentados com informações descritivas mínimas³. Porém, já existem instituições que trabalham com o detalhamento das informações artísticas como é o caso do Instituto Getty⁴, que propõe ferramentas padronizadas para inserção de dados em seus sistemas. Outras duas iniciativas que se mostram importantes no cenário do tratamento deste tipo de material são: o modelo de dados VRA Core⁵ e o Sistema Informacional Donato⁶, este último adotado pelo Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro

Os arquivos apresentam uma condição particular em relação à biblioteca, pois, prescindem da materialidade do registro em sua disponibilização. Em outras palavras, é fundamental que os documentos de arquivo estejam disponíveis “concretamente” na recuperação para obterem valor informativo relevante e autêntico, ou seja, devem ser “provas” verdadeiras dos fatos; refere-se à “condição documental do arquivo” mencionada por Silva (2012).

Nestes termos, os arquivos podem ser considerados como locais que auxiliam na “contação da História”, uma vez que tendem a comprovar acontecimentos através de documentos “originais”. São resultados das atividades de uma pessoa física ou jurídica, geralmente que possua relevância no cenário local/nacional. (LE COADIC, 2004).

Segundo Paes (2004) os documentos de arquivos podem ser classificados de acordo com seu gênero e natureza da seguinte forma:

- Quanto ao gênero (tipo de suporte):

- *escritos ou textuais*: documentos manuscritos, datilografados ou impressos;
- *cartográficos*: documentos em formatos e dimensões variáveis, contendo representações geográficas, arquitetônicas ou de engenharia (mapas, plantas, perfis);
- *iconográficos*: documentos em suportes sintéticos, em papel emulsionado ou não, contendo imagens estáticas (fotografias, diapositivos, desenhos, gravuras);
- *filmográficos*: documentos em películas cinematográficas e fitas magnéticas de imagem (*tapes*) conjugados ou não a trilhas sonoras, com bitolas e dimensões variáveis, contendo imagens em movimento (filmes e fitas videomagnéticas);
- *sonoros*: documentos com dimensões e rotações variáveis, contendo registros fonográficos (discos e fitas audiomagnéticas);
- *micrográficos*: documentos em suporte fílmico resultantes da microrreprodução de imagens, mediante utilização de técnicas específicas (rolo, microficha, jaqueta, cartão-janela);
- *informáticos*: documentos produzidos, tratados ou armazenados em computador (disquete, disco rígido – *winchester* –, disco óptico). (PAES, 2004, p. 29, grifos do autor).

- Quanto à natureza:

- *ostensivos* - documentos cuja divulgação não prejudica a administração.
- *sigilosos* - documentos que, por sua natureza, devam ser de conhecimento restrito e, portanto, requeiram medidas especiais de salvaguarda para sua custódia e divulgação. (PAES, 2004, p. 29-30).

³ Geralmente restringem-se a título, autor/artista e ano/período de execução da obra.

⁴ <https://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/>

⁵ <http://core.vraweb.org/>

⁶ <http://mnba.gov.br/portal/>

É notória a variedade de tipos documentais possivelmente presentes nos arquivos, no entanto, para a investigação que ora se apresenta, o que é relevante é que os campos informacionais (metadados) dos sistemas de cada um deles e que os mesmos possam ser integrados à uma base de dados conjunta do museu e da biblioteca. Enfatiza-se que grande parte dos documentos devem ser tratados a partir de seus contextos de origem para que possam manter relações associativas como por exemplo fotografias e cartas trocadas por ocasião de determinado evento. Sob esse prisma, as informações tanto do arquivo de modo particular quanto deste para com os documentos de outros departamentos (biblioteca e museu) fariam parte de um mesmo sistema de informações, fato que possibilitaria busca e recuperação de informações dos três acervos sobre determinado tema, autor/artista, tipo de material, etc. Além deste aspecto, reafirmaria a função do arquivo de “acesso rápido às informações para desempenho de tarefas [...] reproduzindo a estrutura organizacional do seu produtor” (SILVA, 2012, p. 45)

Reforça-se, portanto, a noção que diferencia arquivo de biblioteca em sua forma mais elementar, ou seja, a partir dos tipos de materiais que contém. “Os arquivos não passam de documentos conservados, enquanto as bibliotecas são constituídas de documentos por elas reunidos”. (LE COADIC, 2004, p. 12 – nota de rodapé). Embora a “intenção de guarda” exista em ambos os setores, no primeiro existe uma preocupação histórica fundante, enquanto que no segundo a pesquisa e as coleções de documentos são prioridade.

Já as bibliotecas são instituições que devem suprir as necessidades informacionais de seus usuários incentivando a pesquisa e proporcionando a geração de conhecimentos, sendo preciso, para isso, conhecer a demanda do público e, a partir dos materiais disponíveis, realizar o tratamento documentário “adequado” para fins de recuperação. O tratamento documentário citado acima refere-se a uma gama de atividades que vão desde o registro de entrada do material (também nomeado de tombamento) até a inserção das informações nas bases de dados para posteriores testes de recuperabilidade. Dentre tais tarefas, pode se enfatizar o trabalho intelectual de refinamento terminológico para análise, síntese e representação dos conteúdos e a descrição física das obras.

O bibliotecário “mergulha” no universo do documento para retirar dele suas principais características e tornar possível a circulação de informações, fato que permite a consecução do ciclo informacional proposto por Le-Coadic, que é composto por produção, comunicação e uso da informação. Segundo o mesmo autor, a biblioteconomia é uma prática de organização que deve responder às seguintes questões:

- pelos acervos de livros (formação, desenvolvimento, classificação, catalogação, conservação);
- pela própria biblioteca como serviço organizado (regulamento, pessoal, contabilidade, local, instalações);
- e pelos leitores, os usuários (deveres recíprocos do pessoal e do público, acesso aos livros, empréstimo) (LE COADIC, 2004, p. 12-13).

A tradição do trabalho com informações facilita a operacionalização das bases de dados nas bibliotecas, uma vez que sua alimentação deve contar com instrumentos padronizados de descrição física (AACR, FRBR, entre outros) e conteudística (vocabulários controlados, tesouros, ontologias, etc.) já há muito tempo estudados. A tendência contemporânea à

interoperabilidade de sistemas aponta para formatos estruturados que possibilitem o intercâmbio de dados.

3 QUESTÕES DE INTEGRAÇÃO / COMPLEMENTAÇÃO

A sociedade pós-industrial, contemporânea, ou também chamada sociedade da informação marca uma era de intensas transformações no que diz respeito aos dispositivos de acesso informacional, acompanhadas da evolução dos meios de comunicação. Ao passo que se especializam as áreas do conhecimento e as tecnologias empregadas no oferecimento de produtos de acesso facilitado, mais integrados e inteligíveis devem ser os sistemas informacionais para que recuperem com relevância as informações buscadas. A integração⁷ acima mencionada refere-se a “tornar completo” ou minimamente “agregar o máximo de informação” sobre os documentos existentes nas instituições.

Neste sentido, todas, ou a grande maioria das instituições que trabalham com informação têm, por necessidade, que se atualizar e buscar opções que recuperem informações ao mesmo tempo integradas e abrangentes e que satisfaçam a maioria de seus usuários.

Inserido neste cenário, o ambiente museológico parece carecer de projetos que integrem os três departamentos no sentido de agregar valor ao trabalho conjunto permitindo assim maior completeza na disponibilização das informações e a interoperabilidade com outras instituições. A integração beneficia os profissionais pela possibilidade de permuta de conhecimentos, assim como os usuários que encontram os materiais tratados de modo mais completo.

Com preocupações voltadas à categoria da recepção, ou seja, dos usuários da informação, pode-se citar alguns exemplos que caberiam em Sistemas de Informação Integrados⁸, como:

- Um pesquisador especializado (historiador, por exemplo) que se encaminha ao museu para saber o que aquele local possui sobre determinado escultor (Aleijadinho, por exemplo) e, à ele interessa: materiais impressos sobre o escultor (livros, artigos, catálogos), cartas trocadas com outras pessoas, fotos da família ou das obras e ainda objetos que tenham relação direta com a obra do referido artista.
- Um estudante do ensino médio que procura por um determinado movimento artístico, como o surrealismo por exemplo, e sobre ele queira estudar e analisar “todos” os materiais existentes na instituição.
- Um aposentado que queira “saber mais” sobre arte francesa mas que pode acabar se interessando por um artista específico através dos resultados obtidos na recuperação do sistema informacional.

À título de validar tal exposição, reafirma-se o pensamento da professora Johanna Smit (2000, p. 30) de que: “A necessidade informacional não se enuncia, na maior parte dos casos, em termos exclusivamente arquivísticos, biblioteconômicos ou museológicos, mas em termos

⁷ Segundo o dicionário on-line Michaelis – Integração pode ser definida como a “condição de constituir um todo pela adição ou combinação de partes ou elementos”. Disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=integra%C3%A7%C3%A3o>.

Acesso em: 06 jun. 2017.

⁸ Esses sistemas informacionais integrados poderiam gerar um aplicativo para ser acessado por telefone móvel, grande aliado da sociedade nos dias atuais.

de uma informação que exige buscas”. Porém, embora as solicitações informacionais não estejam necessariamente acopladas à uma determinada área do conhecimento o fato destas possuírem objetivos e finalidades diferentes caminham na contramão da integração acima referenciada. O quadro abaixo mostra de modo conciso as atividades realizadas em cada uma das áreas.

Figura 1: Atividades das “três marias”.

	Arquivologia	Biblioteconomia	Museologia
Gestão da memória	<ul style="list-style-type: none"> • Produção e avaliação de documentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Formação e desenvolvimento de acervos 	<ul style="list-style-type: none"> • Curadoria • Introversão
	<ul style="list-style-type: none"> • Temporalidade das séries documentais 	<ul style="list-style-type: none"> • Gerenciamento de recursos informacionais 	
Produção da informação documentária	<ul style="list-style-type: none"> • Processamento técnico 	<ul style="list-style-type: none"> • Representação e recuperação da informação 	<ul style="list-style-type: none"> • Documentação
Mediação da informação	<ul style="list-style-type: none"> • Jurisdição e acesso • Programas de difusão 	<ul style="list-style-type: none"> • Serviços ao usuário • Ação cultural • Comunicação documentária 	<ul style="list-style-type: none"> • Extroversão • Comunicação museológica

Fonte: Smit (1999 – 2000, p. 32).

Embora os segmentos “Gestão da memória” e “Mediação da informação” possam trazer informações relevantes para os sistemas de informação, foca-se aqui exclusivamente a categoria “Produção da informação documentária” que, de modo geral, analisa os documentos à fim de representá-los e torná-los acessíveis. Pode-se dizer, de modo breve, que o processamento técnico em arquivologia diz respeito às atividades de identificação, classificação, arranjo, descrição e conservação de arquivos (ARQUIVO Nacional, 2005). A representação e recuperação da informação em biblioteconomia refere-se ao conjunto de tarefas que analisam intelectual e tecnicamente os documentos com a intenção de atribuírem-lhes termos que os representem para fins de acesso. E na museologia, a documentação pode ser definida como:

[...] el tratamiento de los datos existentes en un museo, ya proceda directamente de los objetos o colecciones artísticas, arqueológicas, etnográficas, etc..., tanto a nivel de registro e inventarios como de catálogos, o de otras fuentes de información como son su historia y su significado cultural. (GARCÍA CANO, 1999, p. 159).

Verifica-se, portanto, a convergência de todas as atividades para a questão da “extração” informacional para posterior recuperação. Sob o aspecto de sistemas que oferecem estruturas para a inserção e busca de informações ressalta-se a existência de vários softwares

para bibliotecas⁹, arquivos e museus que objetivam gerenciar acervos e conteúdos de forma especializada, porém identifica-se a ausência de campos que integrem os três departamentos embora já existam pesquisas sobre o tema. Na perspectiva da “contra-integração” verifica-se também que,

As práticas profissionais estão por demais sedimentadas. Cada profissão é vista isoladamente, conta com bibliografia própria, congressos e associações particulares, obstruindo o fluxo e a troca de informações e, principalmente, impedindo que todos se vejam num contexto maior. (SMIT, 1999 – 2000, p. 2).

Para o trabalho conjunto parte-se do pressuposto que exista, em primeiro momento, comunicação entre as áreas. É possível encontrar diversos eventos técnico-científicos que congregam uma determinada área do conhecimento, porém escassos são aqueles que envolvem as três áreas ou pelo menos duas delas, sendo que, quando existem tratam de temas específicos. Abaixo estão relacionados alguns eventos que oferecem campo para a integração das áreas:

- Enancib¹⁰
- Seminário em Ciência da Informação
- Congresso Internacinal (Biblioteconomia/Arquivologia)
- Seminário Serviços de Informação em Museus
- Seminário sobre Museologia, História e Documentação
- International Workshop on IA and Multimodality, Text and Image
- Seminário de Estudos da Informação
- Seminário Científico: Arquivologia e Biblioteconomia
- Seminário Memória e Informação nas Instituições
- OpenGLAM – Galleries, Libraries, Archives and Museums¹¹
- Eventos promovidos pelo Getty Foundation¹²

O avanço em eventos deste nível permite o trânsito de ideias, a circulação de informações e possibilitam a aproximação destes setores/áreas; todo o ambiente museológico é beneficiado pela integração de seu acervo e de seus profissionais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação profissional e institucional deve ser o primeiro passo para responder algumas das questões de integração mencionadas acima uma vez que é a partir de momentos de compartilhamento de ideias, problemas e sugestões que surgem as possibilidades de trabalho conjunto. Esta perspectiva otimiza profissionais com formações diferentes tendendo ao enriquecimento do trabalho realizado com os documentos, promove a geração de

⁹ Mais detalhes podem ser acessados através do link: bib-ci.wikidot.com/softwares

¹⁰ O Enancib incorporou recentemente os seguintes Grupos de Trabalhos: GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação e GT 10 – Informação e Memória.

¹¹ <https://openglam.org/>

¹² <http://www.getty.edu/>

conhecimentos e beneficia tanto o público interno (profissionais que trabalham no museu) quanto o externo (visitantes).

Apesar dos esforços realizados no sentido de promover eventos integrados e reunir pessoas que compartilham objetivos semelhantes no tratamento documentário (representação, organização, recuperação, acesso, sistemas informacionais, etc.) dos materiais encontrados nos museus, é essencial salientar que para seu sucesso é preciso que as instituições (que empregam estes profissionais) estejam de acordo e apoiem esta causa, permitindo a participação dos funcionários de modo integral.

Os sistemas de informação devem ser projetados de modo a contemplar as especificidades dos acervos e os objetivos de cada departamento, fato que torna a integração de dados e sua posterior recuperação (relevância/revocação e formas de saída dos registros) um desafio para os profissionais que trabalham diretamente com a informação e também para os especialistas em TI (Tecnologias de Informação).

Considerando-se que a memória é o elemento comum aos três departamentos aqui estudados e que a preocupação em coletar, armazenar e “tratar” os documentos para contribuir com a disseminação da informação nos seus mais variados aspectos e formatos é o ponto chave de suas atividades deduz-se que, quanto mais completos forem os registros informacionais de cada departamento e quanto maior a capacidade de conversarem uns com os outros maiores são as chances de sucesso das buscas dos usuários, melhor será a integração profissional e maior controle a instituição terá sobre seus materiais.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO Nacional. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

CAMERON, D. A viewpoint: The Museum as a communication system and implications for museum education. *Curator*, n. 11, p. 33 – 40, 2 v., 1968.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. (Ed.) *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 2013. 100 p.

GARCÍA CANO, J. M. La documentación en el museo arqueológico de Murcia. *Anales de documentación*, n. 2, 1999, p. 159 – 168.

LE COADIC, Ives-François. *A Ciência da Informação*. 2. ed. rev. e atual. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2004.

MAIMONE, G. D.; SILVEIRA, Naira Christofolletti . Representação de informações na era digital: ensaios com o acervo artístico do Museu de Arte Sacra de São Paulo. In: *VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015: Desafios y oportunidades de las Ciencias de la Información y la documentación en la era digital*, 2015, Madrid. EDICIC 2015. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2015. v. 1. p. 1-10.

PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

POSSAS, H. C. G. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a história natural. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. (Orgs.) *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. 2. Ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as três Marias. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.26, n.1/2, p.81-85, 1993.

SMIT, J. W. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários/FEBAB, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27 – 36, 1999-2000.

SMIT, J. W. A Informação na Ciência da Informação. *InCID: R. Ci. Inf. E Doc.*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, p. 84 – 101, jul./dez. 2012.

TÁLAMO, M. de F. G. M.; MAIMONE, G. D. Acesso ao bem cultural via estudos de informação: reflexões teóricas. *Datagramazero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, out./2012.